

MARTE, VÊNUS OU TERRA? GÊNERO E LINGUAGEM: DIFERENÇAS E APROXIMAÇÕES NA PERSPECTIVA DA PRAGMÁTICA LINGÜÍSTICA – ESTUDO DE CASO

Carlos Tadeu Grzybowski¹
Gertrud F. Frahm²
Elena Godoi³

Resumo:

O presente trabalho pretende averiguar de forma exploratória, numa perspectiva inter e transdisciplinar, a interface entre gênero e o uso da linguagem. A questão principal levantada é se dentro de uma determinada cultura e classe social, homens e mulheres, em suas interações, utilizam as mesmas estratégias verbais e não-verbais. Para responder a esta questão, os autores, a partir do estudo de casos, analisam interações de casais em *setting* psicoterapêutico, procurando focar a atenção especialmente sobre alguns elementos do processo lingüístico-interacional e utilizando-se do referencial da Teoria da Polidez baseada no conceito de *face de* Goofman (1959/1999) e desenvolvida por Brown e Levinson (1986). A base conceitual do trabalho também discute as aproximações e diferenças de usos lingüísticos em diálogos entre homens e mulheres a partir de propostas trazidas por estudos sociológicos, psicobiológicos, sociolingüísticos e pragmáticos (BERGVALL; 1996; BISCHOF-KÖHLER, 2006; COULTHARD, 1991; MONTENEGRO, 2003; entre outros). Estudos sobre as diferenças entre os gêneros tendem a dividir-se em duas correntes: uma que minimiza as diferenças e outra que maximiza tais diferenças. A primeira aparece na década de 1960 e enfatiza o direito e a igualdade entre homens e mulheres e a segunda surge na década de 1980, e volta a reafirmar as diferenças, entretanto vê as diferenças como uma qualidade que valoriza as mulheres. Resultados do trabalho em questão evidenciam as complexidades do tema em processos de estudos empíricos.

Palavras-chave: gênero; linguagem; pragmática

Introdução:

De acordo com Irigaray (1984), “cada época, segundo Heidegger, tem uma coisa a pensar. Só uma. A do nosso tempo é a diferença sexual” (p.13).

A pós-modernidade trouxe na sua construção ideológica a minimização das diferenças entre os gêneros e, com essa redução das diferenças, novos padrões no relacionamento entre homens e mulheres. Para Teixeira e Otta (1998):

“o final dos anos 60 e início dos anos 70 foram caracterizados por grandes mudanças sociais. Parece haver ampla evidência de que atitudes relativas a papéis sexuais mudaram. Mulheres tentaram liberar-se dos papéis convencionais de gênero. Duplos padrões morais foram questionados. Mulheres se tornaram sexualmente mais agressivas” (p.234).

Desta maneira, tais mudanças incrementaram o estudo das diferenças de gênero por vários segmentos do saber científico, tais como a sociologia, a antropologia, a psicologia e a lingüística.

¹ Doutorando em Lingüística Aplicada na UFPR, mestre em Psicologia (UFPR), psicólogo, terapeuta familiar

² Professora Doutora do Depto. de Letras da UFPR, graduanda em psicologia

³ Professora Doutora do Depto. de Letras da UFPR, pós-doutoranda UNICAMP em Lingüística Aplicada

Com a obrigatoriedade da utilização da mão-de-obra feminina na reconstrução do norte-ocidente no pós-guerra, seguida dos movimentos feministas e do desenvolvimento tecnológico facilitando e diminuindo as demandas domésticas, homens e mulheres foram progressivamente diluindo os espaços sociais que os distanciavam e cada vez mais buscaram uma hegemonia de participação na sociedade em todas as suas esferas.

Desta forma, os estudos das diferenças de gênero ultrapassam a limitada questão de papéis sociais e adentram as esferas que envolvem praticamente todos os aspectos do convívio humano. Gianordoli-Nascimento e Trindade (2002) afirmam que:

“as diferenças de gênero são um produto histórico e de construção social, caracterizando uma estrutura diversificada e contraditória na qual se inserem o estado, a economia, as ciências, a sexualidade e a família. As diferenças biológicas entre os sexos vão sendo apropriadas pelo social ao longo do tempo, naturalizando a diferença em todas as áreas de relacionamento que envolvem homens, mulheres e poder” (p.107).

Os estudos das diferenças de gênero logo vão se especializando e sendo correlacionados com outras variáveis do convívio humano ligadas a diferenças. Para Rose (2002) “gênero está profundamente interligado com classe, raça, etnicidade e idade. Em certo nível é impossível separar esta de outras categorias como é impossível separar os ingredientes de um bolo”. (p.526)

Inicialmente os estudos das diferenças de gênero estavam alicerçados sobre a idéia principal da desigualdade entre homens e mulheres no convívio social, sendo que somente nas últimas décadas é que se tem pensado a diferença em termos de não-desigualdade. Conforme Lacroix (2002), “depois de ter confundido por muito tempo diferença com desigualdade, justificando a última em nome da primeira, comumente se chega a confundir igualdade com identidade. Como então pensar ao mesmo tempo a igualdade e a diferença entre os sexos?” (p.8).

Estudos sobre as diferenças entre os gêneros tendem a dividir-se em duas correntes: uma que minimiza as diferenças e outra que maximiza tais diferenças (Montenegro, 2003). A primeira aparece na década de 1960 e enfatiza o direito e a igualdade entre homens e mulheres e a segunda surge na década de 1980, e volta a reafirmar as diferenças, entretanto vê as diferenças como uma qualidade que engrandece as mulheres. No presente estudo, ambas as correntes serão consideradas e discutidas.

Em publicações de auto-ajuda para leigos, que tem grande aceitação nos meios não acadêmicos (Gray, 1995), ressalta-se que a principal diferença entre os gêneros está nos padrões comunicacionais e no uso da linguagem, afirmações estas baseadas em inferências, sem aferição metodológico-científica. No entanto, essas publicações têm despertado o interesse de outros pesquisadores e mesmo freqüentemente são usadas como referência para sustentar algumas posições científicas no estudo das diferenças de gênero.

Bergvall (1999) lembra que best-sellers como o de Deborah Tannen, “You Just Don’t Understand: Women and Men in Conversation” (1990), foram rapidamente aceitos porque alguns sociobiólogos utilizaram as afirmações do livro para darem suporte às suas teorias de que as diferenças nos cérebros masculino e feminino são o resultado de um processo evolutivo do uso da linguagem e que tais argumentos parecem difíceis de ser refutados, visto que apresentam uma aparência científica. Entretanto, segue Bergvall (1999), estas propostas são superinterpretações e meras inferências, pois não há cérebros fossilizados para serem

comparados com os atuais. Da mesma forma Silva (1998) afirma que há uma crença simplista, baseada na biologia, que homens e mulheres são naturalmente diferentes e que tal crença tem profundas conseqüências sociais, com implicações nas ideologias, valores e estruturas, sendo que tais “diferenças aparecem nesse contexto como desigualdades” (1998, p.9).

Em oposição à Bergvall, Bischof-Köhler (2006) afirma que: “Se queremos explicar com acuidade a diferença entre os gêneros, não podemos ignorar os fatores inatos”. Para a autora, no gênero masculino a evidência central da diferença se concentra em padrões de competitividade com rituais de agressão e controle e prontidão para hierarquias de domínio estáveis, influenciados por hormônios androgênicos durante o período fetal. Enquanto isso, no gênero feminino, evolutivamente não houve uma necessidade de se desenvolver uma competitividade e a parte mais importante na disposição inata repousa sobre o interesse no cuidado terno e nas relações interpessoais.

Pierucci (2000) alerta para o fato que não podemos falar de diferenças entre homem e mulher como se houvesse um ‘homem universal’ e uma ‘mulher universal’: antes existe uma multiplicidade feminina, assim como uma multiplicidade masculina. O gênero tem entrelaços com a cultura, a etnia, a cor, a religião e outros componentes formadores desta identidade feminina e desta identidade masculina. Para Pierucci (2000) “as relações de gênero que de fato acontecem na vida são sempre relações ‘sobredeterminadas’ entre subjetividades ‘complexas’” (p.130).

Homens e mulheres fazem diferentes usos da linguagem?

“Pesquisas em linguagem e gênero são caracterizadas hoje em dia por sua natureza interdisciplinar” (Acuña-Ferreira & Alvarez-López, 2003, p.i).

Para Weatherall (1998):

“a área de linguagem e gênero tem atraído a atenção de um vasto campo de disciplinas. Evidências da diversidade das perspectivas teóricas neste tópico podem ser encontradas nos recentes volumes editados, os quais incluem trabalhos dentro da antropologia, artes, história, estudos culturais, educação, estudos lingüísticos, filosofia, psicologia e psicanálise” (p.1).

Segundo Acuña-Ferreira e Alvarez-López (2003), o estudo das diferenças do uso da linguagem por homens e mulheres inicia-se com a antropologia na década de 1920-1930, quando os antropólogos estudavam as comunidades das ilhas da Polinésia e procuravam entender os papéis sociais dentro destas culturas.

Dentre os pesquisadores desta época encontramos dois que merecem um pequeno destaque, a saber, Margaret Mead e Gregory Bateson. Bateson inicia seu trabalho em 1927 na Nova Guiné e encontra-se com Mead em 1932, em pleno campo de trabalho⁴. No final de 1935 Bateson escreve *Naven*, um livro, no qual Bateson desenvolve o conceito de “cismogênese” – a gênese de um cisma no interior de um sistema social, e distingue a cismogênese simétrica da complementar, sendo esta última entendida como a qual os parceiros se afundam cada vez mais em papéis do tipo dominação/submissão. (Winkin, 1998).

Bateson retorna aos Estados Unidos e interessa-se pelo estudo dos padrões relacionais entre os indivíduos, tendo a linguagem e a comunicação como os fundamentos destes padrões.

⁴ Gregory Bateson e Margaret Mead vieram a casar-se em 1936.

Em 1951 publica, com o psiquiatra Jurgen Ruesch o livro *Communication: the social matrix of psychiatry* e agrega ao redor de si um grupo de pesquisadores interessados no tema da linguagem e da comunicação, dentre os quais destacam-se Paul Watzlawick e o sóciolinguísta Erving Goffman. É a partir dos estudos de Goffman (1999) sobre a sociologia do cotidiano, nos quais ele propõe o conceito de ‘face’, que Brown e Levinson (1986) irão desenvolver sua Teoria da Polidez.

No campo específico da lingüística podemos ainda destacar os estudos de Labov (1966) e o livro de Robin Lakoff (1975) como marcos nos estudos das relações entre gênero e linguagem. Labov (1966), estudando as variáveis lingüísticas dentro o uso do inglês entre grupos de nova-iorquinos, correlacionou estas variáveis com fatores de classe, idade, etnicidade e sexo. Já Lakoff (1975) procura estudar especificamente a linguagem das mulheres, identificando um agrupamento de características lingüísticas que ela identificou como simbolizando a linguagem das mulheres.

Desta forma, podemos verificar que os estudos sobre gênero e linguagem se iniciam no campo da antropologia, se desenvolvem no campo da psiquiatria e são hoje especialmente foco de atenção da lingüística, tanto no campo da sócio-lingüística como no campo da pragmática lingüística. O presente estudo se concentrará principalmente neste último campo, não desprezando, todavia, as contribuições dos demais campos da ciência para a compreensão do fenômeno.

Já especificamente dentro do campo da lingüística, Reid, Keerie & Palomares (2003) afirmam que “best-sellers, estereótipos, observação casual e freqüentes pesquisas empíricas nos dizem que homens e mulheres usam a linguagem de forma diferente” (p.210). Todavia os pesquisadores da área têm entendimentos distintos da razão, pela qual homens e mulheres fazem uso diferenciado da linguagem.

Para Abu-Lughod & Lutz (1990), por exemplo, gênero é um construto social, culturalmente delimitado, que faz homens e mulheres adotarem comportamentos comunicativos próprios para a expressão da emoção. Simião (2000) vai além e afirma que “as pessoas constroem seus gêneros a partir de suas experiências discursivas, gênero é uma performance”. (p.61). Neste mesmo sentido Votre (2002) argumenta que “cada um de nós se constrói e é construído com matéria discursiva, e nesse sentido, na nossa subjetividade e na nossa versão mais recôndita, somos ‘signos lingüísticos’ (...) o eu humano é criado através da utilização de um vocabulário, em vez de, adequada ou inadequadamente, se exprimir através deste” (p.89-90)

Já outros pesquisadores como, por exemplo, Reid, Keerie & Palomares (2003) afirmam que o uso de uma linguagem mais masculina ou mais feminina depende do **contexto social**, mais ou menos competitivo, no qual a mesma é empregada, seja por homens ou por mulheres, ou seja, que tanto homens como mulheres teriam uma linguagem masculina e uma linguagem feminina e que utilizariam tais padrões dependendo do contexto no qual tiverem de empregar a mesma.

Costa (1994) nos oferece uma outra via de abordagem, afirmando que:

“para teorizarmos, portanto, a relação entre linguagem e gênero de forma mais interpretativa e contextualizada, devemos começar desvendando como as escolhas lingüísticas e práticas comunicativas situam os interlocutores em determinadas posições na trama das relações sociais, e como essas estruturas de relações sociais, por sua vez, delimitam ou moldam suas escolhas lingüísticas e práticas comunicativas”. (p.161)

E ainda, segue Costa (1994, p.161): “desse modo diferenças e semelhanças no discurso de homens e mulheres seriam, então, concebidos em termos de frequências, de limites sobrepostos, de contradições, e compreensíveis apenas em relação às estratégias lingüísticas que os interlocutores utilizam”.

Acuña-Ferreira e Alvarez-López (2003, p.iii) afirmam que “as pesquisas centradas na análise de gênero e conversação em interação estão divididas em duas principais abordagens: a abordagem da *dominância* e a abordagem da *diferença*”. (p.iii) Ou, nas palavras de Claes (1999, p.486), “há duas maneiras de focar as diferenças de gênero nos estilos de comunicação: uma firmada no fator de dominação e outra no fator cultural”. Na perspectiva da dominância, numa sociedade com distribuição desigual de poder e na qual os homens impõem as normas da relação social, a linguagem é uma das formas de manutenção do poder masculino sobre o feminino. (Zimmerman e West, 1975). Por outro lado a perspectiva da diferença, defendida especialmente por Maltz e Borker (1982) e Tannen (1990), afirma que homens e mulheres fariam parte de diferentes sub-culturas sócio-lingüísticas porque aprendem diferentes métodos de comunicação e conseqüentemente acabam por desenvolver estilos diferentes de conversação. “Mulheres interagem sendo polidas e cooperativas na busca da conexão e solidariedade, enquanto homens competem para a aquisição de status”. (Acuña-Ferreira e Alvarez-López , 2003, p.iii)

Em outro extremo poderíamos sugerir que, na impossibilidade de se generalizar e universalizar a questão de gênero, cada pessoa construiria um idioleto distintivo e único, levando à equação que cada sujeito em interação com o outro utilizará a sua linguagem singular e, portanto diferente – independentemente se este outro seja do gênero oposto. Coulthard (1991), todavia, é categórico ao afirmar que “poucas pesquisas foram realizadas sobre variações que dependem do sexo (...). Agora, no entanto, já é evidente que homens e mulheres não falam exatamente da mesma maneira” (p.8).

A linguagem, enquanto construção social, obedece a certos códigos e padrões, caso contrário impossibilitaria o processo comunicacional entre os indivíduos. O que nos levaria a reformular a questão para: ‘dentro de uma determinada cultura e classe social, homens e mulheres utilizam os códigos apreendidos da mesma forma?’. Para responder a esta questão, os autores propõem uma perspectiva de análise de entrevistas terapêuticas com casais, procurando focar a atenção especialmente sobre alguns elementos do processo lingüístico-interacional utilizando-se do referencial da *teoria da polidez*, tal qual nos é apresentada por Brown & Levinson (1986).

Elementos da Teoria da Polidez:

Uma das idéias centrais da Pragmática é que, para interpretar um enunciado (ou um discurso, ou um texto...), os interlocutores têm uma série de expectativas que permitem que eles consigam decifrar os significados que são transmitidos intencionalmente nas trocas verbais. O interessante é que algumas dessas expectativas pouco ou nada têm a ver com a informação (no sentido mais estrito), mas antes com a maneira de como se realiza a ação lingüística para manter – boas – relações entre os interlocutores. A própria Psicologia nos ensina que o ser humano é um ser que vive em grupo e que, se e quando rompe, por alguma razão, as relações com outros membros do grupo, pode ficar à margem desse grupo, da comunidade em que vive, o que, em última instância, pode se tornar mortal para o indivíduo. É por isso, então, que nas trocas lingüísticas, a informação sobre as relações entre os

interlocutores ocupa mais espaço do que a informação estrita sobre os fatos. Assim, quando, de manhã, pegamos o elevador do prédio onde moramos e deparamos com um vizinho, normalmente iniciamos uma conversa do tipo:

- Bom dia, vizinho, parece que hoje vai chover.

É claro que, nesse caso, não estamos transmitindo uma informação meteorológica sobre a previsão do tempo para a tarde de hoje. O enunciado é proferido com a intenção de mostrar ao vizinho que estamos de bem com ele, que não queremos brigas ou conflitos, que preferimos a paz nas nossas relações e que também esperamos o mesmo da parte dele.

Agora imagine a mesma situação do elevador, mas em vez de proferir algo como no exemplo acima, não dizemos nada. É falta de “informação meteorológica?” Claro que não, é quase - e às vezes de fato - uma declaração de guerra, algo não dito, mas entendido por ambos: “não quero papos”, “te desprezo e não quero nenhum relacionamento com você”, “não esqueci daquele arranhão no meu carro, foi você e com você não falo mais, seu....”.

Da mesma maneira seria interpretado o silêncio do nosso vizinho quando nós nos dirigimos a ele com as palavras amistosas sobre a situação meteorológica. Assim, quando tratamos da cortesia lingüística, não pensamos daquela “cortesia” no sentido cotidiano, mas na eficácia das relações interpessoais através da linguagem. Por isso dizer a verdade, por exemplo, que é uma norma de eficácia informativa contida no Princípio de Cooperação e nas Máximas de Grice (1979), pode ser descortês em determinadas circunstâncias. Então, a cortesia lingüística não é só um problema de normas de convívio social, mas também um dos problemas do interesse da Pragmática, pois lida com a descrição dos princípios que guiam a comunicação humana.

Existem várias teorias sobre a cortesia lingüística. A mais difundida e a mais trabalhada pelos lingüistas com as mais diferentes línguas do mundo é a Teoria da Polidez de P. Brown e S. Levinson exposta em seu livro de 1987, que já se tornou clássico, *Politeness: some universals in language use*. Nesse livro, a cortesia, ou polidez, é vista como um dos elementos essenciais da vida social humana e, portanto, como uma condição necessária para uma cooperação lingüística eficaz. A Teoria de Polidez postula um conjunto de construtos teóricos das estratégias conversacionais tomadas pelos falantes. Vários estudos empíricos e experimentais interlingüísticos e interculturais baseados nessa teoria mostram que ela dá conta dos dados reais.

A idéia de polidez, em Brown & Levinson (1987), se baseia em duas noções:

- a noção de que a comunicação é uma atividade racional que tem algum objetivo, e
- a noção de que cada indivíduo deseja preservar a sua *face* ou imagem pública.

Essa imagem pública (*face*) consiste em dois tipos de desejo:

- o desejo de auto-afirmação, de não querer receber imposições, ter liberdade de ação: ***face negativa***, e
- o desejo de ser aprovado, aceito, apreciado pelo(s) parceiro(s) da atividade comunicativa: ***face positiva***.

A imagem pública nunca está estável e fica constantemente ameaçada pelos atos lingüísticos. Três fatores sociais estabelecem o nível da polidez, os “jogos” dos dois tipos de desejo e a conseqüente situação da *face*:

- o poder relativo do ouvinte sobre o falante e vice-versa,
- a distância social entre os dois, e
- o grau de imposição do próprio ato comunicativo.

Brown & Levinson (1987) distinguem uma série de estratégias usadas pelos falantes para atenuar as ações ameaçadoras. Essas estratégias vão desde a estratégia de evitar tais ações completamente até realizá-las de diferentes maneiras, atendendo à imagem positiva ou negativa do interlocutor e, de passagem, envolvendo a sua própria. Quanto mais indireto é o ato comunicativo, menos ameaçador ele é, pois permite mais espaço para a negociação. As estratégias incluem vários recursos lexicais, gramaticais e discursivos e também a entonação e as formas de tratamento, que entram em jogo de maneiras diferentes em diferentes línguas e culturas.

Metodologia:

Esta pesquisa exploratória é qualitativa na sua natureza, portanto a descrição factual do que ocorreu num 'setting' psicoterápico faz parte do processo da coleta de dados aqui proposta. Os recortes feitos são uma decisão em conjunto de forma que se chegue mais próximo do que se poderia considerar de 'verdade significativa' para o que o estudo se propõe; por mais que se possa sofrer as críticas de uma concepção mais determinista. Já em 1987 Phillips argumentava que a pesquisa qualitativa se diferencia, por exemplo, da poesia, no abordar dos fenômenos, pois tende sim a buscar o factual mais próximo possível do que possa 'ser'. Neste sentido, argumentar em termos de aceitável e não aceitável, tem relação direta com: se os resultados podem ser críveis ou não e se deste produto pode ser realizada alguma intervenção de natureza diversa que seja cientificamente válida: os achados servir de base para a continuidade dos estudos, ou os achados servir de base para futuras experimentações.

Procedimentos:

Foram realizadas 08 entrevistas com 03 casais heterossexuais, sendo 03 entrevistas com um casal, 03 entrevistas com um segundo casal e 02 entrevistas com o terceiro casal.

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da análise de um casal composto de um homem de 27 anos, brasileiro, com grau superior completo e jornalista por profissão e uma mulher de 27 anos, brasileira, com segundo grau completo e auxiliar de serviços no momento, sendo ambos solteiros e com compromisso de noivado.

As entrevistas foram gravadas em fitas de vídeo-cassete com a autorização por escrito dos três casais (vide anexos). Cada entrevista teve cerca de uma hora e meia de duração e foram realizadas nas datas de 18 de fevereiro; 25 de março; 29 de abril; 27 de maio e 24 de junho de 2006.

A análise das entrevistas foi realizada em conjunto pelos autores do presente trabalho.

Contexto:

A amostragem foi tirada de uma situação de clínica/escola do curso de formação em Terapia de Casal, na qual os casais procuram espontaneamente o atendimento e a triagem se

dá principalmente em função do status sócio-econômico dos pacientes, priorizando-se aqueles que não têm condições de arcar com um tratamento em clínica particular.

Os entrevistadores/entrevistadoras são psicólogos com experiência clínica que estão aperfeiçoando seus conhecimentos em técnicas específicas de atendimento de casais, tendo já recebido 06 meses de treinamento teórico para a execução de tal tarefa.

As entrevistas acontecem em uma sala equipada adequadamente com um espelho de fundo falso e uma sala anexa de observação (Câmara de Gessel), escuta por microfones e filmagem. A autorização para a filmagem é previamente solicitada para os atendidos, que assinam um termo de compromisso, no qual os pesquisadores comprometem-se a utilizar as mesmas exclusivamente para fins de pesquisa, seguindo as normas da resolução 196/96 que dispõe sobre os critérios para pesquisa com seres humanos.

Na sala de observação está um supervisor que orienta os entrevistadores/entrevistadoras sobre os dados mais relevantes a serem coletados.

Para o presente trabalho foi analisada a primeira entrevista realizada com o terceiro casal mencionado acima. As entrevistadoras desta primeira entrevista são psicólogas, com especialização em terapia familiar e concluindo a segunda especialização em terapia de casal.

Análise das entrevistas:

Já no início da entrevista ele informa que já fez terapia várias vezes nos últimos sete anos e ela está nesta experiência pela primeira vez.

Ele toma a iniciativa da conversação e ocupa 7 minutos e 50 segundos ininterruptamente, gesticula bastante, interage com as entrevistadoras e parece bem à vontade na situação, enquanto ela restringe-se a olhar fixamente para ele enquanto ele discursa. Com isso, ela reconhece o **poder** do cônjuge, preservando sua *face* negativa.

Após estes mais de 7 minutos de fala dele uma das entrevistadoras faz uma pergunta a ela:

- Você foi difícil?

Ela sorri, ajeita o cabelo e dá uma resposta monossilábica, revelando sua *face* positiva:

- Éhhhh..., acho que sim...

O que não demonstra muita segurança – trata-se aqui do uso do atenuante “acho que”, que também é uma estratégia de polidez positiva.

Ele interrompe e retoma a palavra e continua falando “por ambos”, que é uma forma de ostentar a face negativa, apoiada no relativo poder.

Ela só tem a oportunidade de falar quando alguma das entrevistadoras interrompe a fala dele e faz alguma pergunta para ela diretamente.

Nesta “fala por ambos” o noivo refere-se a sentimentos pessoais da noiva, descrevendo-os como se fossem seus próprios como no exemplo:

- A (noiva), ela não gosta de sair muito..., não gosta, assim..., de um num barzinho..., prefere ficar em casa...

Mesmo quando a pergunta é feita por uma das entrevistadoras para ela, a noiva, antes de responder à entrevistadora, olha para o noivo e faz um segundo de pausa, dando a impressão de solicitar a autorização dele para falar, demonstrando claramente sua posição inferior de poder, estabelecida entre ambos, e responde de forma vacilante, como no exemplo ocorrido aos 13 minutos da entrevista.

Entrevistadora:

- E estas brigas acontecem com frequência?

Noiva (põe a mão na boca e olha para o noivo, pois “precisa” da autorização do “superior”):

- éhhh...

Então o noivo balança a cabeça com a indicação de concordância e a noiva acrescenta:

- De vez em quando... toda semana. (completa com um riso nervoso)

Noivo:

- Toda semana (e também complementa com um riso nervoso). A repetição da réplica demonstra que ele precisa reafirmar e reforçar sua *face* negativa e a posição de poder.

Somente aos 18 minutos da entrevista é que a noiva passa a interagir mais com as entrevistadoras. Nessa seção da conversação, ela conta para a entrevistadora que quando havia brigas no relacionamento, ela não era clara em suas intenções sobre o seguimento ou não do mesmo e dava uma resposta com duplo sentido. A noiva então revela que ‘sabia’ que ele (o noivo) não queria terminar e que, mesmo afirmando que ela queria terminar, no fundo era só um jogo, pois sabia que iria continuar o relacionamento. Logo após esta revelação feita pela noiva, demonstrando como ela tinha o tranqüilo controle da situação, o noivo segue falando, mas a fluidez e soltura da fala transformam-se em um gaguejar por alguns segundos.:

Noivo:

- Mas quando a gente brigava, aí eu me tornava dependente emocional. Porque aí eu dependia de que... (coloca a mão no rosto e não completa a frase e segue com outra frase) e até ela era um pouco sarcástica comigo quando a gente brigava. Pooh... porque eu perguntava: mas você quer terminar mesmo? E.. assim... ela não falava nada... eu falava: mas você está terminando comigo? Ela falava: ahã, to terminando. Assim...

Entrevistadora:

- Do nada

Noivo:

- Ahã.

Esta afirmação do noivo revela que ele não está muito confiante sobre o seu próprio poder dentro do grupo familiar.

Noiva:

- Eu terminava porque eu sabia que não ia terminar...

Neste ponto a noiva afirma o poder e sua *face* negativa.

Entrevistadora:

- Aaaahhh bom!!! (Todos riem juntos então. O riso do noivo parece mais nervoso). Mas você sabia disso (Noivo)?

Noivo:

- Nãããooooo...

Noiva:

- Sabia sim!

Noivo (gaguejante):

- Só que ela... ela... acredito assim que ela pensava que eu era... uma pessoa madura... e eu... eu não... não havia amadurecido ainda nessa parte e por isso ela... ela achava... é que eu era tímido... no começo conversava , falava mais... então ela... ela achou que fosse.. bobo... né... (...) não fosse uma pessoa tão introvertida, sei lá, uma pessoa que expõe suas idéias... ela achou que eu... que eu fosse... (...) não tivesse nenhuma barreira, nenhuma dificuldade, nenhum defeito.

Mais uma hesitação sobre seu poder.

A partir deste momento a noiva passa a interagir mais na conversação, interrompendo a fala do noivo para expressar suas opiniões, reafirmando sempre o seu poder e insistindo na sua *face* negativa.

Toda vez que ele é interrompido – seja pelas entrevistadoras ou pela noiva – ele não insiste em tomar o turno da fala (não há sobreposição na conversação), respeitando o término da fala dela para retomar. Todavia ele ainda ocupa a palavra na maior parte do tempo.

Aos 25 minutos de conversa ele coloca que o namoro teve duas fases distintas. Na primeira fase ele era romântico e corria atrás dela, sujeitando-se às vontades dela, o que demonstra sua face positiva e a aceitação do poder dela. Afirma também que era duramente reprovado pelos pais com este comportamento. O pai dele desaprovava o namoro e afirmava que o namoro interferia nos estudos dele e que ele só devia namorar após concluir os estudos e ter uma estabilidade financeira para sustentar uma casa, senão o homem tem que acabar sempre pedindo ajuda da mulher. A mãe dele, por sua vez, dizia que ele deveria ser mais duro com as mulheres e não deveria facilitar demais as coisas. Ele afirma que a segunda fase do namoro (reiniciou após uma separação de três meses, decorrente de uma briga) ele mudou de atitude e resolveu seguir os conselhos da mãe e que agora é ela que tem que correr atrás.

Noivo:

- Minha mãe diz assim, que eu não sei lidar com mulher. Na realidade minha mãe... ela é machista. Ela acha que... eu tenho que castigar uma mulher para ela gostar de mim. (pausa e olha para as entrevistadoras). Que eu não sei lidar com mulher e se eu sou muito... como era na primeira fase do nosso relacionamento, muito sensível,... eu era castigado por causa disso... eu comecei a acreditar que era verdade... isso entrou (apontando com o dedo para a própria cabeça) inconscientemente... não era consciente porque... eu tento até ser sensível, mas agora, nessa segunda fase do relacionamento, já não sou tão romântico como eu era, porque na primeira fase eu

tinha que ser criativo, né?! Estava sempre levando e oferecendo rosas, bombons... e agora na segunda fase eu exijo isso dela... que ela seja romântica comigo.

Noiva:

- É, agora eu sou o homem...

Todos riem.

Observa-se neste ponto uma quebra das máximas de *Qualidade e de Maneira* de Grice.

Aos 36 minutos da entrevista o noivo comenta que está fazendo uma segunda faculdade porque acredita que só com a profissão atual não terá condições de sustentar uma família sozinho. Quando a entrevistadora questiona sobre a participação da noiva nesse sustento, ele diz que tanto na família dele, como na dela o modelo é de que o homem é que sustenta a família e que se eles casassem, ele preferira que a noiva ficasse em casa cuidando do lar.

Noivo:

- Eu tenho essa posição que eu gostaria de ganhar suficientemente para sustentar eu e ela... que ela não precise trabalhar. Que é a cópia do modelo familiar dentro da minha casa e talvez até da casa dela, porque o pai dela também trabalha e sustenta todo mundo.

Entrevistadora para a noiva:

- Você gostaria de não trabalhar?

Noiva balançando a cabeça NEGATIVAMENTE:

- Eu... gostaria

Entrevistadora:

- Isso está bem claro já?

Noivo:

- Tá, tá bem claro... e um pouco dessas minhas dificuldades que eu falei... dessas minhas inseguranças, é justamente isso, o fato dela voltar a estudar pra trabalhar... ter um emprego melhor... e isso me traz insegurança porque... eh... eu vejo assim... eu tenho medo que no momento em que ela tenha contato com um mundo novo que é o mundo acadêmico, universitário, ela venha realmente a questionar esse papel da mulher, esposa, mãe, dona de casa, e queira outros objetivos na vida... e acabe me abandonando... é bem isso... essa minha insegurança.

Entrevistadora:

- E qual é o papel da mulher para você?

Noivo:

- (riso nervoso e abaixa a cabeça) É o... eu... eu assim... eu admiro uma mulher que consiga estudar, chegar lá... só que... eu não sei porque quando... assim... se ela já tivesse já feito faculdade e eu conhecesse ela já assim... não teria problema, o problema eu conheci ela antes, mas o papel da mulher para mim é... é... de companheira... hoje em dia assim... eu acredito que ela deva ser não só companheira, mas também dividir essa responsabilidade com o marido de... de...

como eu posso dizer... de levar a família... de... de... proteger a família... de... de... de... sabe você preserva ali aquela pequena sociedade, o grupinho de pessoas que é tua família né. Acho que a mulher... ela tem, junto com o homem... e eu não to dizendo assim que o homem tem que ser melhor e maior do que a mulher, não. Eu acho que os dois têm que se parecer...

Entrevistadora voltando-se para a noiva:

- E o que você acha disso?

Noiva – ajeitando o cabelo:

- Acho que ele quis dizer que a mulher ideal tem que ser só dona de casa, cuidar só da família.

Parece que quando ele percebe que as duas entrevistadoras são mulheres e com curso superior, ele se perde na argumentação e o declara de maneira explícita reafirmando sua face positiva. Também parece que, para os dois, as relações de poder em uma família, que desejam constituir, não estão muito claras.

Interpretações e interface com outras pesquisas:

Uma análise preliminar, a análise desta conversa ocorrida num contexto terapêutico indicaria que Zimmerman e West, (1975) têm razão ao afirmar que linguagem é uma das formas de manutenção do poder do masculino sobre o feminino, haja visto que o noivo ocupa a grande maioria do tempo no processo conversacional. Durante 19 minutos de entrevista a noiva só faz três pequenas interações (menos de 20 segundos – somado todos os tempos das interações dela), sendo que todas estas provocadas pela entrevistadora – que interrompe o discurso do noivo intencionalmente.

De igual forma, em todas estas participações iniciais, a fala da noiva é tímida, com volume muito baixo e antes de responder à entrevistadora ela sempre dirige o olhar para o noivo, dando a impressão de estar solicitando a autorização deste para responder.

Entretanto após este 19 minutos, quando a noiva passa a interagir mais diretamente na conversa, o que se observa é que ela tem estratégias claras e intencionais de dominação, inclusive entre as quais, a permissão de que ele pense que domina a situação – como no caso das vezes em que ela terminava e ele implorava a confirmação se o término era verdadeiro e ela verbalizava dubiamente que sim, mas comportava-se como se não e deixava-o confuso e em dúvida. Como afirmado por ela, ela ‘sabia’ que ele viria atrás de novo – o que mostra um controle calculado do risco de afirmar estar terminando.

De acordo com a teoria de Tannen (1990) e Maltz e Borker (1982), o silêncio da noiva poderia ser interpretado como cooperação lingüística ao discurso do noivo e busca de solidariedade e conexão, porém esta cooperatividade é desfeita abruptamente quando ela expõe a ‘fragilidade’ dele e o faz tartamudear por quase 02 minutos.

A perpetuação social do machismo é claramente identificável quando o noivo refere-se ao aprendizado que teve com a mãe sobre o trato com as mulheres (‘tem que tratar mal’) e ao descrever o papel da mulher no relacionamento, concordando desta forma com teóricos (Teixeira e Otta, 1998; Ginardoli-Nascimento e Trindade, 2002) que postulam que as

diferenças de gênero são um produto histórico, de construção social e transmitidos lingüisticamente (Simião, 2000).

Conclusão

A explicação mais plausível para o processo interacional lingüístico observado na entrevista, até o presente momento, vem da teoria de Goofman, que afirma que a interação face a face entre os indivíduos produz uma influência recíproca, manifestada, no caso da entrevista, principalmente nos aspectos não-verbais da interação (por exemplo: quando ela olhava para ele 'pedindo autorização' para responder). Também a questão da preservação da face, proposta por Brown e Levinson (1986) evidencia-se na entrevista quando ela constantemente busca a aprovação dele através do olhar. Uma violação da preservação da face e da perturbação da tranquilidade da interação acontece quando ela desnuda a fragilidade dele em seu papel estereotipado de macho alfa causando nele um gaguejar. Tal FTA pode ter sido decorrente do fato da noiva ter se sentido invadida em seu território pelas descrições dos estados emocionais subjetivos dela efetuados pelo companheiro.

Nota-se claramente na descrição feita por ambos que o jogo interacional de distância relativa e poder relativo estão numa dinâmica de busca de constante equilíbrio. Quando o noivo impõe atitudes de prevalência sobre a noiva, ela se afasta emocionalmente dele (maior distância), ele diminui a atitude dominante para produzir a reaproximação, o que conduz ela a um controle maior da situação (maior poder), numa coreografia inconsciente de aproximação/distanciamento regulada pela troca de poder e mediada pela interação lingüística.

Finalizamos apontando que este é apenas um trabalho preliminar e que outras e detalhadas análises de novos recortes serão efetuados para continuarmos investigando o instigante universo das diferenças lingüísticas entre homens e mulheres.

Referências

- ABU-LUGHOD, Lila, e LUTZ, Catherine A. *Introduction: Emotion, discourse, and the politics of everyday language*. In Lila Abu-Lughod & Catherine A. Lutz (Orgs.), *Language and the politics of emotion* (pp. 1-22). Cambridge: Cambridge University Press. 1990.
- ACUÑA-FERREIRA, Virginia e ALVAREZ-LÓPEZ, Sonia. An interdisciplinary perspective on language and gender, *Estudios de Sociolingüística*, 4 (2) 2003, pp.i-xvi.
- BERGVALL, Victoria L. An agenda for language an gender research for the start of the new millennium, *Linguistik online* 2, 1/1999. Disponível em: http://www.linguistik-online.de/heft1_99/bergvall.htm . Acesso em 10 mai 2006.
- BISCHOF-KÖHLER, Dora. Geschlechtsunterschiede: von vatur aus anders. Disponível em: http://www.bischof.com/d_forschung2.html . Acesso em 15 jul 2006.
- BROWN, Penelope e LEVINSON. Stephan. *Politeness*. Cambridge: University Press, 1986.
- CLAES, Marie-Thérèse. Mujeres, hombres y estilos de dirección, *Revista Internacional del Trabajo*, vol. 118, n.4, 1999, pp. 483-500.
- COSTA, Claudia de Lima. O leito de Procusto: gênero, linguagem e as teorias feministas. *Cadernos Pagu*, (2) 1994, pp. 141-174.
- COULTHARD, Malcolm. *Linguagem e sexo*, tradução de Carmen Rosa Caldas-Coulthard, São Paulo: Ática, 1991.
- GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria e TRINDADE, Zeidi Araujo. What to do when the heart presses? The marriage dynamics after infarct. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [online]. jan./abr. 2002, vol.18, no.1, p.107-115. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722002000100012&lng=es&nrm=iso . Acesso em 10 mai 2006.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*, tradução de Maria Célia Santos Raposo, Petrópolis: Vozes, 1999, 8ª ed., (trabalho original de 1959).
- GRAY, John. *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*, Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995.
- GRICE, H. P. *Studies in trhe way of words*, Cambridge, Harvard University Press, 1979.
- IRIGARAY, Luce. *Éthique de la difference sexuelle*. Paris: De Minuit, 1984, p.13
- LABOV, William. *The social stratification of English in New York city*. Washington: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LACROIX, Xavier. *Homem e mulher – a inapreensível diferença*, Petrópolis: Vozes, 2002.
- LAKOFF, Robin. *Language and woman' place*. New York: Harper & Row, 1975.

- MALTZ, Daniel e BORKER, Ruth A. "A cultural approach to male-female miscommunication", In John J. Gumperz (ed.), *Language and social identity*. Studies in International Sociolinguistics, n.2. Cambridge: Cambridge University Press.
- MONTENEGRO, Thereza. Diferenças de gênero e desenvolvimento moral das mulheres. *Revista de Estudos Feministas* [online]. jul./dez. 2003, vol.11, no.2, p.493-508. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200008&lng=pt&nrm=iso . Acesso em 04 mai 2006.
- PHILLIPS, D. C. Validity in qualitative research, or why the worry about warrant wil not wane. *Education and Urban Society*, 20 (1), nov, 1987, pp. 9-24
- PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da diferença*, Curso de Pós-graduação em Sociologia, USP, 2ª ed., São Paulo: Editora 34, 2000.
- REID, Scott A., KEERIE, Natascha e PALOMARES, Nicholas A. Language, gender salience and social influence, *Journal of Language and Social Psychology*, Vol. 22, nº 2, pp. 210-233, Jun. 2003.
- ROSE, Chris. Talking gender in the group, *Group Analysis*, Vol. 35 (4) – 525-539, 2002.
- SIMIÃO, Daniel Schroeter. O pulo do sapo: gênero e a conquista da cidadania em grupos populares, Curitiba: Expoente, 2000.
- SILVA, Elizabeth Bortolaia. *Dês-construindo gênero em ciência e tecnologia*, Cadernos Pagu (10) 1998: pp.7-20.
- TANNEN, Deborah. *You just don't understand: women and men in conversation*. Londres: Virago.
- TEIXEIRA, Renata Plaza e OTTA, Emma. Grafitos de banheiro: um estudo de diferenças de gênero. *Estudos de psicologia (Natal)*. [online]. jul./dez. 1998, vol.3, no.2, p.229-250. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1998000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 04 mai 2006.
- VOTRE, Sebastião Josué. *Linguagem, identidade, representação e imaginação* in: Lucia M. A. Ferreira e Evelyn G. D. Orrico, organizadoras, *Linguagem, Identidade e Memória Social – novas fronteiras, novas articulações*, Rio de Janeiro: DP8 Editora, 2002.
- WEATHERALL, Ann. Re-visioning gender and language research. *Women and language*. Spring 1998, v.21, n.1, p. 1-11.
- WINKIN, Yves. *A nova comunicação*, tradução Roberto Leal Ferreira, Campinas: Papirus, 1998.
- ZIMMERMAN, Don H. e WEST, Candance. Sex roles, interruptions and silences in conversation. In B. Thorne & N. Henley (eds.), *Language and sex: difference and dominance*. Rowley, MA: Newbury House, p. 105-129.